

A DUALIDADE DA NATUREZA SATÂNICA

Paloma Catarina Zart
Doutoranda em Letras – Universidade Federal de Santa Maria
Bolsista Capes

Resumo: O Satã miltoniano é uma personagem que traz em si uma grande controvérsia. Ele pode ser descrito como a força maléfica que movimenta a ação da narrativa épica, bem como o sujeito imerso em seu sentimento de culpa. Como se verá, o rebelde do *Paradise Lost* é ambos, a força do mal e o sujeito culpado, porque partilha da dualidade bem e mal, a qual o torna uma personagem complexa. Este artigo tem por objetivo mostrar a profundidade que caracteriza o Satã miltoniano.

Palavras-chave: Milton – *Paradise Lost*. Satã miltoniano. Mal – Tema literário.

Abstract: The Miltonic Satan is a character whom brings in himself a huge controversy. He could be described as the malevolent force that puts in motion the action of the epic narrative as well as the subject immersed on his own sense of guiltiness. As one will see, the rebel of *Paradise Lost* could be declared both, the evil force and the guilty subject, because he shares the duality of good and evil which makes him a complex character. This paper aims to show the deepness that characterizes the Miltonic Satan.

Keywords: Milton – *Paradise Lost*. Miltonic Satan. Evil – Literary Theme.

[...] and my dread of shame
Among the Spirits beneath, whom i seduc'd
With other promises and other vaunts
Than to submit, boasting I could subdue
Th'Onipotent. Ay me, they little know
How dearly I abide that boast so vain,
Under what torments inwardly I groan:
While they adore me on the Throne of Hell,
With Diadem and Sceptre high advanc'd
The lower still I fall, only Supreme
In misery; such joy ambitious funds

Milton (PL, IV, 82-92)¹

As representações do demônio, em suas mais variadas formas, normalmente trazem uma figura grotesca ou caricata. Basta lembrar o diabo de Fra Angélico², magistralmente sentado em seu trono de sofrimento, lambuzando-se de pecadores, ou ainda do diabo dantesco servindo-se dos três grandes traidores da cristandade ou mesmo do demônio caricatural das *morality plays*. Qualquer que seja a forma física representada em cena ou

em tela, o diabo é apresentado demonstrando conforto diante de sua posição de grande inimigo, tentador da humanidade e dono de uma certeza majestosamente diabólica. Quando tratamos do Satã miltoniano, a lembrança mais destoante das inúmeras representações anteriores é a incerteza com que a personagem revela-se. Ao contrário das figuras citadas, o Satã de Milton está longe da certeza, sua posição é constantemente reavaliada, bem como as consequências de seus atos o são.

Após a longa jornada desbravando os domínios escuros da noite no reino do caos, Satã, finalmente, chega ao seu destino. Diante da luminosa benesse em que o Jardim se apresenta ao seu destruidor, o ex-anjo questiona as suas escolhas. O fragmento anterior pertence ao primeiro solilóquio, momento em que a personagem, levada pelo arrebatamento diante da visão do jardim e dos caprichos divinos na criação do novo mundo, lembra seu próprio passado luminoso e cheio de esplendor. Uma história esquecida por aqueles que foram traídos e constantemente lembrada pelos que traíram. É com essa lembrança corrosiva que a personagem digladiava-se nos solilóquios, em uma tentativa de sobrepor a sua atualidade de sofrimento e dor sobre a antiga essência angélica. Neste artigo, daremos atenção ao primeiro solilóquio de Satã e ao efeito das recordações da personagem sobre o seu momento presente.

1. Sobre o mal

Santo Agostinho (1968) definiu o mal como a ausência do bem. O Bispo postulou a sua tese em resposta ao pensamento dicotômico maniqueísta que compreendia o universo como o palco de forças antagônicas, a escuridão, ou o mal, contra a claridade, ou o bem. Duas potências que se debatiam constantemente tentando a anulação uma da outra. Com isso, há uma divisão entre a parte que responde à claridade em contrapartida a outra parte que atende à escuridão, sendo que o espaço ocupado por uma força não pode ser dividido ou partilhado com a outra, criando um local de nulidade para uma delas. Do mesmo modo como o espaço físico era disputado pelos dois poderes antagonistas, a inclinação do sujeito podia ser conquistada ou perdida, pois o embate entre treva e luminosidade tinha campo no próprio indivíduo.

A resposta de Agostinho para esse universo dividido entre claro e escuro denota uma escolha pessoal. A ideia de um bem supremo onipresente não comporta a suposição da ausência divina, pois a própria compreensão de um ser onipresente não aceita a falta. Com o bem em todas as partes porque acompanha a onipresença, sua ausência só pode vir da escolha de alguém em se afastar. O mal, portanto, não tem uma figura, pois responde a atitude não condizente com os desígnios da religião que afastam o sujeito da bondade divina. Ao não substancializar o mal, uma possível penalidade passa a ser impossível, pois não há alguém específico que possa ser culpado, penalizado, ou assumir o papel expiatório. Ao mesmo tempo, torna qualquer um suscetível de reprimendas, caso se afaste do bem.

A compreensão maniqueísta de disputas recorda, em parte, a apreensão de mal adquirida pelos agrupamentos que deram origem ao povo judeu. Em seu princípio, esses povoados não tinham uma noção de uma força negativa responsável por qualquer aspecto infeliz ou perigoso da vida dos sujeitos. A ideia de um ser sobre-humano, caracterizado como o mal, provém do contato daqueles povos com as populações vizinhas com quem passaram a disputar terreno. O deus supremo dos povoados inimigos foi compreendido e absorvido como elemento negativo e passou a incorporar a crença dos povos originários dos judeus como a representação de um ser maléfico. Dessa forma, o plano mítico acompanhou as mudanças ocorridas no espaço terreno (NOGUEIRA, 1986).

A partir da absorção judaica, um movimento de representação do mal ganhou força e culminou nas manifestações artísticas, abrangendo desde esculturas até a literatura. São consideráveis as obras que possam ter influenciado Milton na construção de seu Satã³, mas, ao mesmo tempo, nenhuma pode ser apontada como certa ou mais dominante em sua criação. Para John Carey (2008), a noção de mal como afastamento do bem não era relevante para Milton, pois o poeta teria interesse em uma representação do mal como uma matéria que pudesse ser punida e culpada pelos infortúnios que afligem o casal. Esse mal já lá, supremo em seus desejos e impossível de ser contido, responde ao dilema da queda humana induzida por um capricho alheio, amenizando, neste sentido, o peso da culpa em Adão e Eva. Na compreensão do próprio Carey (2008), no entanto, a ideia inicial de Milton de adotar, em sua obra, o mal substancializado não foi muito feliz, já que não conseguiu obliterar uma concepção de mal mais aceitável, fortalecida a

partir de Shakespeare, de que não há um elemento mau e outro bom imiscível, pois ambas as parcelas são constituintes do sujeito.

A forma mesmo como Milton desenvolveu sua personagem demoníaca escapa a esse desejo inicial apontado por Carey (2008), pois o Satã miltoniano converge tanto à materialização do mal quanto à ideia do mal como afastamento dos princípios sagrados, uma noção destinada a caracterizar o casal, inicialmente. A versão crítica de Carey (2008) para a representação do mal, no *Paradise Lost*, está calcada na compilação de Milton, em seu *The Doctrina Christianna*⁴, de todas as referências bíblicas ao Diabo. Em conformidade com Carey (2008), essas referências contemplam somente a ideia de um Diabo como grande inimigo, único responsável por todo o sofrimento e o infortúnio que aflige o homem. Há, porém, outras notas do poeta sobre a temática. Em seu *Commonplace Book*⁵, livro de anotações que Milton manteve nos anos de seu retiro na casa paterna na década de 1630, há uma citação no denominado índice ético acerca do mal moral, proveniente de Tertuliano, e uma segunda conjunção de notas sobre a possibilidade da permissão divina para o mal. Os dois excertos enfatizam a escolha do sujeito em praticar ações não louváveis que resultam em possível punição a quem as pratica.

2. O Satã moral de Shelley

A discussão levantada por Carey (2008) é oposta, no entanto, ao que defendera Percy Shelley. Para o poeta romântico, o Satã miltoniano não é a representação maléfica, antes a personagem revela-se um exemplo moral ímpar da literatura. Em dois momentos distintos, Shelley menciona sua posição favorável ao Satã. O primeiro constitui a argumentação do poeta em defesa da poesia, estando em texto homônimo, *A Defense of Poetry*, datado de 1820. No mesmo período, Shelley escreveu a sua versão do mito prometeico. Na introdução de *Prometheus Unbound*, o autor discute brevemente o valor moral da personagem principal e da legitimidade de suas ações, postas em contrapartida à validade das ações do Satã de Milton. Apesar da comparação, não é de nosso interesse qualquer aproximação entre as duas personagens ou da personagem miltoniana com qualquer outra; interessa-nos unicamente o modo como Shelley compreende o Satã de Milton.

Em sua *A Defense of Poetry*, Shelley assinala:

And Milton's poem contains within itself a philosophical refutation of that system, of which by a strange and natural antithesis, it has been a chief popular support. Nothing can exceed the energy and magnificence of the character of Satan as expressed in *Paradise Lost*. It is a mistake to suppose that he could ever have been intended for the popular personification of evil. Implacable hate, patient cunning, and a sleepless refinement of device to inflict the extremest anguish on an enemy, these things are evil; and, although venial in a slave are not to be forgiven in a tyrant; although redeemed by much ennobles his defeat in one subdued, are market by all that dishonours his conquest in the victor. Milton's Devil as a moral being is as far superior to his God, as one who perseveres in some purpose which he has conceived to be excellent in spite of adversity and torture, is to one who in the cold security of undoubted triumph inflicts the most horrible revenge upon his enemy, not from any mistaken notion of inducing him to repent of a perseverance in enmity, but with the alleged design of exasperating him to deserve new torments. Milton has so far violated the popular creed (if this shall be judged to be a violation) as to have alleged no superiority of moral virtue to his God over his Devil (SHELLEY, 2008, p. 106)⁹.

Antes de trazer essa afirmativa, Shelley discutia o modo como alguns poetas, em seu exemplo Milton e Dante, em suas obras, distinguiam-se pela maneira como fugiam de representações tradicionais e mesmo de noções como compreendidas pelos seus contemporâneos. Neste sentido, já foi expresso anteriormente que Milton não se baseou nas representações tradicionais de Satã para a confecção de seu demônio. Shelley vem confirmar a nossa afirmativa, acrescentando algo a mais. O conceito de *mal* trabalhado por Milton está longe da noção popular de seu período. Um ser malévolo dedicaria a sua existência ao planejamento de modos e tramas com que provocar a dor e o sofrimento em outrem, tirando dessa atividade e de seu efeito uma espécie de combustível, alimento ou ar, com que amenizaria a sua existência lúgubre. *La joie de vivre* de um ser naturalmente maléfico seria, então, resultado da dor alheia. O Satã de Milton, no entanto, não obtém alegria alguma, muito menos prazer, de suas arquiteturas maléficas ou da perspectiva de um futuro soturno que pudesse vir a ser infligido em alguém. Pelo contrário, percebe-se, nos solilóquios satânicos, uma constante de sofrimento que ele pensa conseguir diminuir se puder aplicar em outros uma dor proporcional a que sente. Esse alento do sofrimento de Satã, porém, é uma ilusão, porque a personagem nunca deixa de ter em mente, nunca deixa de ter a plena certeza de que seu sofrimento continuará ali, apunhalando os seus sentimentos, esmagando as suas memórias. A necessidade de descontar o seu próprio sofrimento no homem é, na verdade, uma

tentativa de rebeldia, um aviso ao senhor de que o escravo anda insatisfeito. Satã, nesta empreitada contra o homem, nada mais é senão o escravo descrito por Shelley, um fraco, incapaz de libertar as suas mãos e os seus pés do sofrimento que os ferros lhe impõem.

Shelley ainda menciona que essa busca constante pelo sofrimento alheio, apesar de louvável no escravo, não é aceitável naquele que detém todo o poder. O conquistador não poderia, diante de seus conquistados completamente subjugados, querer algo além da própria condenação de seus prisioneiros. Permitir aos anjos caídos a oportunidade de abrirem os portões do Inferno (não esqueçamos que durante a queda dos anjos, Deus dera as chaves dos portões do Inferno para Pecado que, por sua vez, passou-as para Satã), lançando-os em ondas maiores de dor, talvez possa ser considerado como o mal do modo descrito por Shelley. Ao que nos parece, quando o poeta romântico declara que o Deus miltoniano não é uma personagem moralmente superior ao Satã de Milton, estava refletindo desta forma. A perda da glória, da alegria abundante e de uma vida pujante e a condenação a um lugar deserto, uma miragem do mais profundo desejo inalcançável já seriam sofrimentos na medida necessária para os anjos rebelados. Dar-lhes a fantasia de um reencontro, de um recomeço fora dos muros da pena seria um excesso de poder, uma demonstração da necessidade injustificável de proporcionar dor a outros. O Deus de Milton, por esta perspectiva, é quem representaria o mal de um modo mais próximo à compreensão popular na época do poeta, uma vez que, ao abrir para a possibilidade de uma fuga, ele traria uma dor desnecessária, uma demonstração de poder dispensável. Parece-nos ser essa a razão para Shelley declarar Satã uma personagem de virtude moral.

The moral interest of the fable, which is so powerfully sustained by the sufferings and endurance of Prometheus, would be annihilated if we could conceive of him as unsaying his high language and quailing before his successful and perfidious adversary. The only imaginary being, resembling in any degree Prometheus, is Satan; and Prometheus is, in my judgment, a more poetical character than Satan, because, in addition to courage, and majesty, and firm and patient opposition to omnipotent force, he is susceptible of being described as exempt from the taints of ambition, envy, revenge, and a desire for personal aggrandizement, which, in the hero of Paradise Lost, interfere with the interest. The character of Satan engenders in the mind a pernicious casuistry which leads us to weigh his faults with his wrongs, and to excuse the former because the latter exceed all measure. In the minds of those who consider that magnificent fiction with a religious feeling it engenders something worse. But Prometheus is, as it were, the type of the

highest perfection of moral and intellectual nature impelled by the purest and the truest motives to the best and noblest ends (SHELLEY, 2008, p. 184)⁷.

Para o poeta romântico, o Satã de Milton é um exemplo moral, bem como Prometeu, desde que observadas as devidas proporções, porque apresenta um comportamento um tanto quanto estóico com uma leve pitada de altruísmo. Não consideraremos, no momento, os motivos que levaram Satã a rebelar-se, sejam eles válidos ou não, pois eles não estão sendo considerados por Shelley ao definir Satã como ser moral. A moralidade não está nos motivos nada altruístas da personagem para se revoltar contra Deus, mas nas razões porque permanece em sua cruzada contra o Onipotente. Estar consciente do sofrimento crescente com que será vitimado e de sua parcela de responsabilidade sobre o destino daqueles que o seguiram, aceitando todo o preço imposto sobre suas escolhas, parece-nos, é o que Shelley compreende como virtude moral. Entende-o moral porque mantém um elo com aqueles que caíram, porque assume todos os papéis que lhe são impostos neste jogo entre aquele que detém o poder e o que deseja limitá-lo.

3. O possível da queda

Para David Masson (1847), a razão da queda satânica repousa na essência questionadora da personagem. Em sua rápida incursão nas reentrâncias do *Paradise Lost*, Masson destaca o modo como era compreendida a relação entre Deus e os anjos. Na observação do crítico, a percepção do criador modificava-se, tornava-se um pouco mais precisa de acordo com o grau de proximidade existente entre os espíritos angélicos e a nuvem túrgida que cobria o pico do monte ocupado pelo ser supremo. Essa proximidade era determinada por qualidades e características próprias de cada ser, sendo que esses traços eram decisivos na constituição da personalidade de cada indivíduo celeste.

A relação mais próxima entre Deus e esse pequeno número de anjos, composto por Miguel, Rafael e Satã, antes da queda, demandava a outorga de tarefas mais nobres e importantes⁸. A proximidade com o soberano e a maior carga de responsabilidade geraria um sentimento deformado de poderio, pois aquele que transmite uma mensagem ou realiza determinada ação em nome de outro herda, mesmo que temporariamente, uma parcela do poder de seu contratante. Com o tempo, a sensação de maior domínio

sobre a situação em geral conduz a um estado permanente de profunda crença neste poder outorgado *ad hoc*. Essa percepção errônea de um poder inexistente aliada à natureza vertiginosamente perspicaz e inteligente de Satã guiou o anjo para a sua queda, porque, acostumado a se indagar sobre os mais distintos temas, alimentando a sua curiosidade e a sagacidade, Satã passou a questionar o inquestionável, a duvidar do que sua fé deveria aceitar passivamente. Desse modo, esquecido de seu mestre e desfrutando de poderes que não lhe cabiam, Satã caiu.

O poder ardentemente desejado no passado angélico, um dos motivos que levaram o anjo a declarar guerra nos céus, concretiza-se no presente caído da personagem, mas traz consigo uma consciência maior da tenuidade e da fragilidade desta relação entre mandatário e subalternos. Posto no mais alto patamar da sociedade infernal criada à imagem e à dessemelhança da hierarquia celeste, Satã tem que enfrentar todos os seus fantasmas, enfraquecer os seus medos para, assim, conseguir responder aos anseios daqueles que o seguiram. Quando ele parte através do caos em busca da nova criação, Satã inicia uma investigação de seus próprios tormentos. Para Masson, as dúvidas da personagem estão relacionadas ao fato de Satã vivenciar um momento único em que deve decidir o seu futuro.

O que temos, então, é uma personagem diante de uma encruzilhada, tendo de escolher o caminho que segue. A situação que Satã enfrenta, na opinião de Masson, portanto, pode ser considerada semelhante ao que acontecera no concílio infernal (livro 2), onde os generais caídos foram convidados a escolher entre a permanência no inferno como súditos-prisioneiros de Deus ou a lutar por uma possível reconquista do espaço e da condição perdida. O Satã de Milton, no entanto, não vive somente uma simples questão de escolha entre esquerda e direita como se estivesse decidindo chegar a algum lugar pelo caminho mais fácil ou difícil, a personagem vive a consciência de que a sua situação, na condição de rebelde e caído, está longe do desejo paterno. O conflito vivenciado pelo ex-anjo não se coaduna com a condição de mal único, inimigo e antagônico da Trindade, ao contrário, o conflito explicita a percepção de que a sua situação é intermediária, entre o mal absoluto impossível e o bem divino, igualmente inatingível, porque a personagem guarda em si as duas parcelas.

4. Personagem multiforme

Em “Milton’s Satan”, Carey (2008) aponta, rapidamente, uma longínqua divisão entre os críticos de Milton, em especial do *Paradise Lost*, no que concerne à posição da personagem satânica dentro da dinâmica do épico. A crítica foi dividida em dois grupos básicos, um favorável a Satã, denominado satanista, e outro contrário à personagem, chamado anti-satanista. A observação de Carey centra-se no quanto qualquer uma das posições críticas perdia ao tachar categoricamente o diabo miltoniano como o grande vilão ou o grande herói do épico, pois, para não cair em contradição argumentativa, qualquer posição, favorável ou contrária ao ex-anjo, tinha que apagar pontos valiosos para uma compreensão mais apurada e, mesmo assim, incompleta da personagem. Em consonância com Carey (2008), a análise parcial e partidária do Satã de Milton resulta em perdas semelhantes àsquelas sofridas quando se tentou etiquetar o judeu Shylock, de *O mercador de Veneza*, pois a complexidade de ambas as personagens está mais além de uma simples caracterização como bandido ou mocinho da história.

O entendimento mais amplo de Satã só é possível se for observada a sua profundidade. Chamando a atenção para a complexidade de Satã, Carey (2008) atenta para três fases da personagem ao longo da narrativa épica, sua caracterização como arcanjo, seu estado perturbado, como o anjo da noite, e sua artimanha para ludibriar Eva, quando assumiu a forma da serpente. Uma análise desses três momentos permite articular todas as facetas da personagem e revela como, por exemplo, as paixões afetam o seu estado de espírito. Vislumbrar o Jardim do Éden traz à memória o passado glorioso; o concílio infernal deixa explícito o quanto a primazia de Cristo maculou a crença de Satã no amor divino; a beleza de Eva e a sua ingenuidade cativam-no, expondo um sentimento considerado inexistente em um ser infernal. As falas de Satã e a sua reação diante de determinadas situações demonstram que o diabo de Milton não é uma caracterização tradicional do mal, como lembra Shelley (2008), também não é a representação única de mal passível de sofrer as punições divinas, como considera Carey (2008). Se, ao final do *Paradise Lost*, Milton optou por trazer o elemento demoníaco caricatural, que não corresponde ao desenvolvimento da personagem ao longo do épico, muito provavelmente o fez para não ferir a esperança de um final pacífico e que respondesse a ideia de justiça eterna. Ao longo do épico, o poeta desenvolveu uma personagem humanizada, capaz de ser afetada pelas paixões, cheia de dúvidas e receios.

4.1 O grande general desperta

A história de Satã inicia no passado narrativo do épico e emerge em duas situações particulares. O primeiro modo, no relato de Rafael ao homem, a história é contada de modo linear, seguindo cronologicamente os eventos que marcaram a existência de todos os habitantes celestes. O roteiro composto pelo arcanjo, enviado como mensageiro de Adão, tem por objetivo o ensinamento, por isso, as informações são apresentadas com certa imparcialidade. Mas as referências ao passado de Satã também são encontradas em fragmentos nos discursos políticos e nos solilóquios da personagem. Destoante da linearidade e da objetividade de Rafael, que procura relatar todos os detalhes, as informações obtidas por meio de Satã são cíclicas e repetitivas, sempre assinalando a perda de privilégios, o ato tirânico de Deus, um arrependimento momentâneo. Toda a revolta começa com uma declaração, um edito:

Hear all ye Angels, Progeny of Light,
Thrones, Dominations, Princedoms, Virtues, Powers,
Hear my Decree, wich unrevok'd shall stand.
This day I have begot whom I declare
My only Son, and on this holy Hill
Him have anointed, whom ye now behold
At my right hand; your Head I him appoint;
And by my Self have sworn to him shall bow
All knees in Heav'n, and shall confess him Lord:
Under his great Vice-regent Reign abide
United as one individual Soul
For ever happy: him who disobeys
Mee disobeys, breaks union, and that day
Cast out from God and blessed vision, falls
Into utter darkness, deep ingulf, his place
Ordain'd without redemption, without end (PL, V, 600-615)⁹.

O decreto divino é baixado com o todo o peso da lei. A obediência, antes solicitada aos anjos, agora, é exigida, com o agravante de que o seu não cumprimento será punido com a expulsão. Enquanto a maioria dos anjos aceitava essa nova ordem imposta sem consulta prévia, um arcanjo não compreendeu como a hierarquia, até então seguida, poderia ser descumprida, trocada por outra ordem. A proclamação de Cristo retira a proeminência de Satã diante dos outros anjos e de Deus, conforme observa Rafael durante sua narrativa da guerra:

[...] but not so wak'd
Satan, so call him now, his former name
 Is heard no more in Heav'n; he of the first,
 If not the first Arch-Angel, great in Power,
 In favor and preëminence, yet fraught
 With envy against the Son of God, that day
 Honor'd by his great Father, and proclaim'd
Messiah King anointed, could not bear
 Through pride that sight, and thought himself impair'd.
 Deep malice thence conceiving and disdain,
 Soon as midnight brought on the dusky hour
 Friendliest to sleep and silence, he resolv'd
 With all his Legions to dislodge, and leave
 Unworshipt, unbey'd the Throne supreme (PL, V, 657-670)¹⁰.

Na perspectiva de Satã, ele e todos os outros foram ludibriados. Os anjos sob as ordens do arcanjo revoltado são lembrados, por seu chefe, de que, até o momento da proclamação de Cristo como extensão do corpo divino, não havia lei que impusesse aos anjos a obrigatoriedade da adoração. A justificativa para a ida repentina ao norte, onde busca uma decisão quanto a uma possível rendição à nova lei, está na outorga de privilégios que nenhum anjo detinha. Se todos foram criados iguais, sem distinção, senão segundo as suas próprias inclinações, como haveria alguém de ser posto acima dos demais, especialmente alguém sem nenhuma marca, sem alguma ação que respondesse a essa súbita elevação de *status*. Adorar a um ser superior já era atribuição de valor excessivo, ainda ter que adorar outro igual como superior demonstrava um abuso:

Thrones, Dominations, Princedoms, Virtues, Powers,
 If these magnificent Titles yet remain
 Not merely titular, since by Decree
 Another now hath to himself ingross't
 All Power, and us eclips'd under the name
 Of King anointed, for whom all this haste
 Of midnight march, and hurried meeting here,
 This is only to consult how we may best
 With what may be devis'd of honors new
 Receive him coming to receive from us
 Knee-tribute yet unpaid, prostration vile,
 Too much to one, but double how endur'd,
 To one and to his image now proclaim'd?
 But what if better counsels might erect
 Our minds and teach us to cast off this Yoke?
 Will ye submit your necks, and choose to bend
 The supple knee? Ye will not, if I trust
 To know ye right, or if ye know yourselves
 Natives and Sons of Heav'n possess before
 By none, and if not equal all, yet free,
 Equally free; for Orders and Decrees
 Jar not with liberty, but well consist.

Who can in reason then or right assume
Monarchy over such as live by right
His equals, if in power and splendor less,
In freedom equal? or can introduce
Law and Edict on us, who without Law
Err not? much less for this to be our Lord,
And look for adoration to th'abuse
Of those Imperial Titles which assert
Our being ordain'd to govern, not to serve? (PL, V, 772-802)¹¹.

Com esse discurso, Satã declararia a guerra celeste. Uma única voz se ergue contrária ao desejo das armas, e um pequeno debate entre Satã e Abdiel ganha lugar. Abdiel lembra que todos ali são criaturas de Deus e como tais deveriam seguir os desígnios divinos. Para contrapor, Satã indaga qual deles se recordava do momento de sua criação, de seu nascimento e acrescenta que o único ser que habita os céus de quem eles sabiam do surgimento era Cristo, recém anunciado. Antes dele, ninguém tinha um princípio, todos dividindo a eternidade, o que indicava uma essência igual à divina.

That we were form'd then say'st thou? and the work
Of secondary hands, by task transferr'd
From Father to his Son? strange point and new!
Doctrine which we would know whence learnt: who saw
When this creation was? remember'st thou
Thy making, while the Maker gave thee being?
We know no time when we were not as now;
Know none before us, self-begot, self-rai'd,
By our own quick'ning power, when fatal course
Had circl'd his full Orb, the birth mature
Of this our native Heav'n, Ethereal Sons.
Our puissance is our own, our own right hand
Shall teach us highest deeds, by proof to try
Who is our equal: then thou shalt behold
Whether by supplication we intend
Address, and to begirt th'Almighty Throne
Beseeching or besieging (PL, V, 853-869)¹².

Só havia um modo de provar tanto a suposta supremacia de Deus quanto a igualdade entre os espíritos que habitavam o céu. Ao propor medir forças com aqueles que permaneceram obedientes ao novo decreto, Satã buscava a evidência material de que a sua posição, a igualdade entre os celestes, era verdadeira. A derrota no confronto obriga-o a admitir a superioridade divina, mesmo assim, ele encontra meios com que não se curvar diante da evidência, pois se Deus era agora inquestionavelmente superior, essa certeza só existia por causa da revolta.

4.2 O líder preocupado com seus seguidores

A narrativa do *Paradise Lost* abre com os anjos rebelados caídos no fosso ígneo, criado para ser a sua prisão eterna. Diante de um mar de corpos amontoados pelo impacto da queda, seres, anteriormente dotados de clareza e serenidade, são despertados do choque da queda e veem-se reanimados por aquele que os conduziu para o fundo do poço. Durante a sua permanência em face aos seguidores derrotados, Satã mantém uma aparente calma e um raciocínio frio com que busca convencer seu séquito a manter o apoio dado no início da revolta. Para tanto, ele assume um discurso acusador ao mesmo tempo em que conciliador. A acusação rememora a injustiça sofrida. Todos os anjos foram postos em segundo plano, relegados à margem da convivência divina, pois passaram a ser secundados por outro ser posto acima de todos eles. A prova deste distanciamento e desta perda de privilégios é o lugar onde eles se encontram. Na visão de Satã, o indício da falta de valor angélica está na profecia que indica a criação de um novo mundo e seus habitantes, seres que surgem para tomar o lugar daqueles não-criados que sempre compartilharam da atemporalidade.

Pela segunda vez, Satã pede a opinião de seus seguidores. Ao contrário da primeira, em que conseguira o apoio de um grupo esperançoso com um futuro de maiores glórias, desta vez, ele deverá apresentar uma nova utopia. A permanência nos céus é impossível, bem como a estada no inferno, sendo assim, um terceiro lugar é apresentado como o palco ideal em que pudessem recuperar o antigo esplendor, perdido com a expulsão. Chegar ao profetizado Jardim implicava uma série de riscos desconhecidos que levou o concílio dos generais satânicos a ser silenciado. Sem a oferta de um desbravador, Satã tem a oportunidade perfeita para reafirmar a sua posição de destaque entre os caídos, uma posição ímpar que lembra em parte a antiga proeminência detida nos tempos idos:

O Progeny of Heav'n, Emphyreal Thrones,
With reason hath deep silence and demur
Seiz'd us, though undismay'd: long is the way
And hard, that out of Hell leads up to light;
Our prison strong, this huge convex of Fire,
Outrageous to devour, immures us round
Ninefold, and gates of burning Adamant
Barr'd over us prohibit all egress.
These past, if any pass, the void profound
Of unessential Night receives him next
Wide gaping, and with utter loss of being

Threatens him, plung'd in that abortive gulf.
If thence he scape into whatever world,
Or unknown Region, what remains him less
Than unknown dangers and as hard escape?
But I should ill become this Throne, o Peers,
And this Imperial Sov'ranty, adorn'd
With splendor, arm'd with power, if aught propos'd
And judg'd of public moment, in the shape
Of difficulty or danger could deter
Mee from attempting. Wherefore do I assume
These Royalties, and not refuse to Reign,
Refusing to accept as great a share
Of hazard as of honor, due alike
To him who Reigns, and so much to him due
Of hazard more, as he above the rest
High honor'd sits? Go therefore mighty Powers.
Terror of Heav'n, though fall'n; intend at home,
While here shall be our home, what best may ease
The present misery, and render Hell
More torelable; if there be cure of charm
To respite or deceive, or slack the pain
Of this ill Mansion: intermit no watch
Against a wakeful Foe, while I abroad
Through all the Coasts of dark destruction seek
Deliverance to us all: this enterprise
None shall partake with me (PL, II, 430-466)¹³.

Próximo do final do segundo livro, após se despedir de seus seguidores e sair em busca do novo mundo, Satã depara-se com os portões que bloqueiam a passagem para o Caos. De cada lado do portão, está um monstro. De um lado, uma figura feminina, metade serpente, metade mulher, atormentada por dois monstros disformes que constantemente rompem o seu corpo e se alimentam das lascas da carne materna arrancadas do ventre. Do outro lado, incitando os monstros disformes, outra figura macabra, magra e possessa, ameaçando lançar dardos sobre a mulher. Conscientes da presença de um estranho, ambos, Pecado e Morte, erguem-se para indagar o recém-chegado. Satã exige a liberação da passagem para o Caos. Morte reconhece o visitante, ciente da história do anjo e do efeito da rebeldia para a sua própria existência. Mesmo conhecendo a força do estranho, Morte não se intimida diante da presença do rebelde, tanto que Satã e Morte usam de tom autoritário, cada qual desejando que o outro, diante do poder adversário, recue a uma posição inferior. Diante de um iminente embate, Pecado interpõe-se entre as duas forças masculinas e recorda a Satã a sua origem, pedindo que seu pai e amante não extermine seu filho e neto. Reconhecida a sua família infernal, o ex-anjo promete que, se lhe forem abertos os portões do inferno e descoberto o paradeiro do novo mundo, Pecado e Morte terão uma vida mais lauta. Novamente, Satã assume a imagem

de provedor das necessidades, rompendo um estado de lamento e prostração daqueles que são dependentes de sua força:

Dear Daughter, since thou claim'st me for thy Shire,
And my fair Son here show'st me, the dear pledge,
Of dalliance had with thee in Heav'n, and joys
The sweet, now sad to mention, through fire change
Befall'n us unforeseen, unthought of, know
I come no enemy, but to set free
From out this dark and dismal house of pain,
Both him and thee, and all the heav'nly Host
Of Spirits that in our just pretenses arm'd
Fell with us from on high: from them I go
This uncouth errand sole, and one for all
Myself expose, with lonely spets to tread
To search with wand'ring quest a place foretold
Should be, and, by concurring signs, ere now
Created vast and round, a place of bliss
In the Purlieu of Heav'n, and therein plac't
A reca of upstart Creatures, to supply
Perhaps our vacant room, though more remov'd,
Lest Heav'n surcharg'd with potent multitude
Might hap to move new broils: Be this or aught
Than this more secret now design'd, I haste
To know, and this once known, shall soon return,
And bring ye to the place where Thou and Death
Shall dwell at ease, an up and down unseen
Wing silently the buxom Air, imbalm'd
With odors; there ye shall be fed and fill'd
Immensurably, all things shall be your prey (PL, II, 817-844)¹⁴.

Satã assumiu, neste primeiro momento de desorientação, a imagem de provedor e da esperança em um futuro mais auspicioso. Diante da morte figural dos anjos expulsos, o líder rebelde coloca-se como um messias às avessas. O ex-anjo toma para si uma responsabilidade que ele acredita possa lhe devolver parte do esplendor perdido na queda, pois, ao assumir a tarefa de reaver o antigo estado, Satã reassume também a primazia que detinha anteriormente. Observaremos, no entanto, que essa sensação de segurança e esperança transmitida aos outros seres caídos não tem um correspondente interior tão forte.

4.3 Atos de confissão

A condição de Satã não corresponde somente ao de líder bélico ou provedor de bens para seus inferiores. Diante de sua platéia angélica, ele tenta manter a magnificência que

acredita corresponder ao seu papel de liderança, mas quando se encontra sozinho, longe de qualquer olhar e observando a nova criação, resquícios de sua natureza anterior vêm à tona. Quando o passado angélico emerge, debatendo-se com a plena consciência de seus erros e julgamentos equivocados, o ex-anjo retoma a sua faceta obediente. Nos momentos de solidão, lançado em profundas análises de seu passado, seu presente e seu futuro, temos um diabo em um ato de confissão.

O primeiro solilóquio demonstra um Satã que busca conciliar o seu conhecimento acerca dos excessos que cometera. Diante da beleza do Jardim, a personagem recorda as atribuições que lhe cabiam enquanto habitava o céu, reconhecendo que as homilias destinadas ao criador não significavam muito diante do que recebera dele. Simultaneamente, a lembrança dos anjos que o seguiram assalta os seus pensamentos e ele relembra as obrigações que tem com o seu grupo, demonstrando um pesar pelo seu estado decaído presente. Ao longo de todo o solilóquio, ideias contrárias, ligadas ao passado e ao presente, assolam a mente de Satã, culminando na utilização de dois pronomes pessoais. ‘Thou’ e ‘I’ são empregados por um breve espaço de tempo, referendando a recriminação e as ações presentes e futuras, respectivamente. Quando faz uso do termo ‘thou’, temos o que Carey (2008) declarou ser o momento de confissão da personagem, quando Satã é, de fato, o mal opositor, passível de punição. Mas esse sujeito, que admite por um momento a sua parcela de culpa, também recrimina um outro. A admissão do quanto recebera de Deus carrega a indicação de que a sina de Satã estava diretamente ligada aos seus privilégios e à condição de superior diante dos outros seres celestes. A sua queda estaria, portanto, condicionada aos excessos que sua posição permitia. Sentir o doce gosto do poder e dos privilégios como líder da região norte do céu deu a Satã a esperança de conseguir mais, alimentou o sonho de chegar mais próximo da nuvem túrgida que tudo governava e sabia. Admitido o excesso, ele também reconhece que essa fome pelo poder não era uma questão de destino, pois estava impregnada em sua essência.

A admissão da culpa leva à ponderação de um possível retorno aos braços paternos. Quando Satã considera o perdão, ele lembra a situação de constante submissão na forma de homilias e rendição de graças que voltaria a prestar. Este estado de eterna subjugação ao poder divino contradiz o desejo de domínio e extermínio dos braços oponentes que tanto defendera para os seus seguidores. Ser novamente aceito no céu seria ainda a

prova máxima da bondade divina, um sentimento que desperta o lado mais nefasto de Satã, uma vez que, com isso, o céu seria o seu inferno, pois estaria em constante conflito com a sua essência. O solilóquio finda com a afirmação na empresa em que se lançara ao sair do Pandemônio, deixando para trás seus filhos à espera de um novo reino.

O thou that with surpassing Glory crown'd,
Look'st from thy sole Dominion like the God
Of this new World; at whose sight all the Stars
Hide thir diminish heads; to thee I call,
But with no friendly voice, and add thy name
O Sun, to tell thee how I hate thy beams
That bring to my remembrance from what state
I fell, how glorious once above thy Sphere;
Till Pride and worse Ambition threw me down
Warring in Heav'n against Heav'n's matchless King:
Ah wherefore! he deserv'd no such return
From me, whom he created what I was
In that bright eminence, and with his good
Upbraided none; nor was his service hard.
What could be less than to afford him praise,
The easiest recompense, and pay him thanks,
How due! yet all his good prov'd ill in me,
And wrought but malice; lifted up so high
I sdein'd subjection, and thought one step higher
Would set me highest, and in a moment quit
The debt immense of endless gratitude,
So burdensome, still paying, still to owe;
Forgetful what from him I still receiv'd,
And understood not that a grateful mind
By owing owes not, but still pays, at once
Indebted and discharg'd: what burden then?
O had his powerful Destiny ordain'd
Me some inferior Angel, I had stood
Then happy; no unbounded hope had rais'd
Ambition. Yet why not? some other Power
As great might have aspir'd, and me though mean
Drawn to his part; but other Powers as great
Fell not, but stand unshak'n, from within
Or from without, to all temptations arm'd.
Hadst thou the same free Will and Power to stand?
Thou hadst: whom hast thou then or what to accuse,
But Heav'n's free Love dealt equally to all?
Be then his Love accurst, since love or hate,
To me alike, it deals eternal woe.
Nay curs'd be thou; since against his thy will
Chose freely what it now so justly rues.
Me miserable! Which way shall I fly
Infinite wrath, and infinite despair?
Which way I fly is Hell; myself am Hell;
And in the lowest deep a lower deep
Still threat'ning to devour me opens wide,
To which the Hell I suffer seems a Heav'n.
O then at last relent: is there no place
Left for Repentance, none for Pardon left?
None left but by submission; and that word

Disdain forbids me, and my dread of shame
 Mong the Spirits beneath, whom I seduc'd
 With other promises and other vaunts
 Than to submit, boasting I could subdue
 Th'Onipotent. Ay me, they little know
 How dearly I abide that boast so vain,
 Under what torments inwardly I groan:
 While they adore me on the Throne of Hell,
 With Diadem and Sceptre high advanc'd
 The lower still I fall, only Supreme
 In misery; such joy Ambition finds.
 But say I could repent and could obtain
 By Act of Grace my former state; how soon
 Would high recall high thoughts, how soon unsay
 What feign'd submission swore: ease would recant
 Vows made in pain, as violent and void.
 For never can true reconciliation grow
 Where wounds of deadly hate pierc'd so deep:
 Which would but lead me to a worse relapse,
 And heavier fall: so should I purchase dear
 Short intermission bought with double smart.
 This knows my punisher; therefore as far
 From granting hee, as I from begging peace:
 All hope excluded thus, behold instead
 Of us out-cast, exil'd, his new delight,
 Mankind created, and for him this World.
 So farewell Hope, and with Hope farewell Fear,
 Farewell Remorse: all Good to me is lost;
 Evil be thou my Good; by thee at least
 Divided Empire with Heav'n's King I hold
 By thee, and more than half perhaps will reign;
 As Man ere long, and this new World shall know (PL, IV, 33-113)¹⁵.

Em seu ensaio *Confessions and Double Thoughts*, Coetzee (1985) discute aspectos da confissão em manifestações ficcionais e não ficcionais. O escritor africâner declara que a confissão não é um ato isolado, mas parte de um somatório e tem um objetivo específico:

Confession is one element in a sequence of transgression, confession, penitence and absolution. Absolution means the end of the episode, the closing of the chapter, liberation from the oppression of the memory. Absolution in this sense is therefore the indispensable goal of all confession, sacramental or secular. In contrast, transgression is not a fundamental component (COETZEE, 1985, p. 194)¹⁶.

O ato de expor os próprios erros, portanto, tem por objetivo final a absolvição. O perdão dos atos ignominiosos nem sempre pode ser conseguido, principalmente, naqueles casos em que a desculpa deve partir do próprio pecador. No primeiro solilóquio satânico, ocorre algo semelhante, o confessor sabe que não existe a possibilidade de remissão para si e, em virtude disso, Satã busca não o perdão paterno, mas uma mente mais tranquila

que lhe permita prosseguir com os seus planos. Ao expor o seu conhecimento acerca do peso de suas escolhas, do chamado certo e errado, a personagem tenta fechar uma fase de sua existência, escolhendo o seu futuro. Ademais, o primeiro solilóquio demonstra que, para Satã, o mal não é obrigatoriamente algo ruim ou doloroso que possa ser provocado nos outros, mas a incapacidade de atender aos próprios anseios. O único freio, se ele existe, não está na punição a ser recebida pela prática das ações, mas na certeza de que a queda e a punição são inevitáveis, fortalecendo a decisão de concretizar os desejos. A confiança de seguir como causador único do sofrimento alheio, no entanto, não cessa com a própria dor da personagem, pois seu passado sempre é lembrado, causando-lhe desconforto. A partir do segundo solilóquio tem-se um Satã mais centrado porque determinado a seguir com os seus planos, mesmo assim, em constante tormento imposto pelas recordações:

O Earth, how like to Heav'n, if not preferr'd
More justly, Seat worthier of Gods, as built
With second thoughts, reforming what was old!
For what God after better worse would build?
Terrestrial Heav'n, danc't round by other Heav'ns
That shine, yet bear thir bright officious Lamps,
Light above Light, for thee alone, as seems,
In thee concentrating all thir precious beams
Of sacred influence: As God in Heav'n
Is Centre, yet extends to all, so thou
Centring receiv'st from all those Orbs; in thee,
Not in themselves, all thir known virtue appears
Productive in Herb, Plant, an nobler birth
Of Creatures animate with gradual life
Of Growth, Sense, Reason, all summ'd up in Man.
With what delight could I have walkt thee round,
If I could joy in aught, sweet interchange
Of Hill and Valley, Rivers, Woods and Plains,
Now Land, now Sea, and Shores with Forest crown'd,
Rocks, Dens, and Caves; but I in none of thee
Find place or refuge; and the more I see
Pleasures about me, so much more I feel
Torment within me, as from the hateful siege
Of contraries; all good to me becomes
Bane, and in Heav'n much worse would be my state.
But neither here seek I, no nor in Heav'n
To dwell, unless by maistring Heav'n's Surpeme;
Nor hope to be myself less miserable
By what I seek, but others to make such
As I, though thereby worse to me redound:
For only in destroying I find ease
To my relentless thoughts; and him destroy'd,
Or won to what may work his utter loss,
For whom all this linkt in weal or woe,
In woe then: that destruction wide may range:
To mee shall be the glory sole among
Th' infernal Powers, in one day to have marr'd

What he *Almighty* styl'd, six Nights and Days
 Continu'd making, and who knows how long
 Before had been contriving, though perhaps
 Not longer than since I in one Night freed
 From servitude inglorious well night half
 Th' Angelic Name, and thinner left the throng
 Of his adorers: hee to be aveng'd,
 And to repair his numbers thus impair'd,
 Whether such virtue spent of old now fail'd
 More Angels to Create, if they at least
 Are his Created, or to spite us more,
 Determin'd to advance into our room
 A Creature form'd of Earth, and him endow,
 Exalted from so base original,
 With Heav'nly spoils; What he decreed
 He effected; Man he made, and for him built
 Magnificent this World, and Earth his seat,
 Him Lord pronounc'd, and, O indignity!
 Subjected to his service Angels wings,
 And flaming Ministers to watch and tend
 Thir earthy Charge: Of these the vigilance
 I dread, and to elude, thus wrapt in mist
 Of midnight vapor glide obscure, and pry
 In every Bush and Brake, where hap may find
 The Serpent sleeping, in whose mazy folds
 To hide me, and the dark intent I bring.
 O foul descent! that I who erst contended
 With Gods to sit the highest, am now constrain'd
 Into a Beast, and mixt with bestial slime,
 This essence to incarnate and imbrute,
 That to the highth of Deity aspir'd;
 But what will not Ambition and Revenge
 Descend to? who aspires must down as low
 As high he soar'd, obnoxious first or last
 To basest things. Revenge, at first though sweet,
 Bitter ere long back on itself recoils;
 Let it; I reck not, so it light well aim'd,
 Since higher I fall short, on him who next
 Provokes my envy, this new Favorite
 Of Heav'n, this Man of Clay, Son of despite,
 Whom us the more to spite his Maker rais'd
 From dust: spite then with spite is best repaid (PL, IX, 99-178)¹⁷.

Recordar o estado vivenciado nos Céus e conseguir conviver com a lembrança impõem, para Satã, reconhecer a contradição de suas duas metades. A antiga essência angélica constantemente emerge da atual escuridão demoníaca em que a personagem encontra-se, expondo toda a dualidade de sua natureza. Talvez, o grande problema, para Satã, nem seja a impossibilidade de ser perdoado em algum momento da eternidade divina, mas a certeza de que o caminho percorrido, até o momento, torna inviável o retorno, pois a essência dual da personagem está mais inclinada para o lado negro e nefasto de Satã.

4.4 O retorno aos desejos infernais

Mesmo consciente das escolhas que faz e das consequências advindas de suas ações, Satã, apesar de, em determinados momentos, considerar a possibilidade de um recuo, não deixa de levar adiante os seus planos. O que o move, nesse caminho sem volta para as profundezas do Inferno, mesmo buscando desesperadamente sair dele, é a inveja que sente. Inveja nascida do sentimento de perda, posto que a revolta trouxe, para Satã, mais do que a expulsão dos céus, apresentou-lhe o estado de abandono, de não-pertencimento. A inveja de Satã é seletiva, está dirigida aos poucos seres em quem percebe a sua antiga relação e a posição ao lado de Deus. Ao alimentar sentimentos mais baixos, como a inveja, Satã consegue esquecer o seu passado e avançar em sua cruzada.

As considerações da personagem, em continuidade, se dirigem ao casal, seres inferiores aos anjos que desfrutaram de maiores privilégios. O sentimento negativo de Satã é alimentado pela consciência de ter sido, mais uma vez, trocado. A sua antiga existência e mesmo a sua posição anterior revelam-se substituíveis por outros seres, inferiores ao próprio Satã.

O Hell! What do mine eyes with grief behold,
Into our room of bliss thus high advanc't
Creatures of other mould, earth-born perhaps,
Not Spirits, yet to heav'nly Spirits bright
Little inferior; whom my thoughts pursue
With wonder, and could love, so lively shines
In them Divine resemblance, and such grace
The hand that form'd them on thir shape hath pour'd.
Ah gentle pair, yee little know nigh
Your change approaches, when all these delights
Will vanish and deliver ye to woe,
More woe, the more your taste is now of joy;
Happy, but for so happy ill secur'd
Long to continue, and this high seat your Heav'n
Ill fenc't for Heav'n to keep out such a foe
As now is enter'd; yet no purpos'd foe
To you whom I could pity thus forlon
Though I unpitied: League with you I seek,
And mutual amity so strait, so close,
That I with you must dwell, or you with me
Henceforth; my dwelling haply may not please
Like this fair Paradise, your sense, yet such
Accept your Maker's work; he gave it me,
To entertain you two, her widest Gates,
Not like these narrow limits, to receive

Your numerous offspring; if no better place,
Thank him who puts me loath to this revenge
On you who wrong me not for him who wrong'd.
And should I at your harmless innocence
Melt, as I do, yet public reason just,
Honor and Empire with revenge ençarg'd,
By conquering this new World, compels me now
To do what else though damn'd I shoul adhor (PL, IV, 358-392)¹⁸.

A substituição em si, de Satã e dos outros anjos caídos pelo novo mundo e o casal que ali mora, não é o único fomento da inveja de Satã. Quando o segundo solilóquio satânico finda, o narrador dirige a sua atenção ao casal humano. Sentados à sombra de uma árvore, eles conversam, vivem o seu relacionamento, distribuindo mostras de um estado de bem aventurança. Neste particular, o bem estar do casal injeta, no ex-anjo, maior fôlego para a sua revanche, pois soma a repulsa sofrida a exposição crua de seu estado de sofrimento, posto sob as luzes de felicidade que irradiam do jardim do Éden. Juntamente com a destruição do homem virá o fim de um estado de abundância e felicidade proibido ao anjo, que, por isso mesmo, deve ser extirpado de parte dos domínios de Deus. Para fazer cair o casal, ele usará artimanhas que repitam a sua própria queda, o questionamento da lei divina, levando o casal a esquecer as suas obrigações, colocando, em primeiro lugar, as suas aspirações.

Sight hateful, sight tormenting! thus these two
Imparadis't in one another's arms
The happier *Eden*, shall enjoy thir fill
Of bliss on bliss, while I to Hell am thrust,
Where neither joy nor love, but fierce desire,
Among our other torments not the least,
Still unfulfill'd with pain of longing pines;
Yet let me not forget what I have gain'd
From thir own mouths; all is not theirs it seems:
One fatal Tree there stands of Knowledge call'd,
Forbidden them to taste: Knowledge forbidd'n?
Suspicious, reasonless. Why should thir Lord
Envy them that? can it be sin to know,
Can it be death? and do they only stand
By Ignorance, is that thir happy state,
The proof of thir obedience and thir faith?
O fair foundation laid whereon to build
Thir ruin! Hence I will excite thir minds
With more desire to know, and to reject
Envious commands, invented with design
To keep them low whom Knowledge might exalt
They taste and die: what likelier can ensue?
This Garden, and no corner leave unspi'd;
A chance but chance may lead where I may meet
Some wand'ring Spirit of Heav'n, by Fountain side,
Or in thick shade retir'd, from him to draw

What further would be learnt. Live while ye may,
Yet happy pair; enjoy, till I return,
Short pleasures, for long woes are to succeed (PL, IV, 505-535)¹⁹.

Percebe-se, nos solilóquios aqui expostos, que há uma constância de reconhecimento. Mesmo imerso em seus planos de revanche e nos sentimentos negativos que o inundam, Satã ainda é sensível para reconhecer o trabalho divino e deixa-se contemplar a criação. Já no corpo da serpente, em vistas da concretização de seu plano, Satã observa Eva. Pelo narrador, vemos o quanto a mulher consegue mexer com os sentimentos mais calorosos do ex-anjo, revelando que ainda existe o antigo amor angelical, resistente em algum canto escuro de Satã:

[...] the hand of Eve:
Spot more delicious than those Gardens feign'd
Or of reviv'd Adonis, or renown'd
Alcinoüs, host of old Laerte's Son,
Or that, not Mystic, where the Sapient King
Held dalliance with his fair Egyptian Spouse.
Much hee the Place admir'd, the Person more.
As one who long in populous City pent,
Where Houses thick and Sewers annoy the Air,
Forth issuing on a Summer's Morn to breathe
Among the pleasant Villages and Farms
Adjoin'd, from each thing met conceives delight,
The smell of Grain, or tedded Grass, or Kine,
Or Dairy, each rural sight, each rural sound;
If chance with Nymphlike step fair Virgin pass,
What pleasing seem'd, for her now pleases more,
Se most, and in her look sums all Delight.
Such Pleasure took the Serpent to behold
This Flow'ry Plat, the sweet recess of Eve
Thus early, thus alone; her Heav'nly form
Angelic, but more soft, and Feminine,
Her graceful Innocence, her every Air
Of gesture or least action overwarm'd
His Malice, and with rapine sweet bereav'd
His fierceness of the fierce intent it brought:
That space the Evil one abstracted stood
From his own evil, and for the time remain'd
Stupidly good, of enmity disarm'd,
Of guile, of hate, of envy, of revenge:
But the hot Hell that always in him burns,
Though in mid Heav'n, soon ended his delight,
And tortures him now more, the more he sees
Of pleasure not for him ordain'd: then soon
Fierce hate hi recollects, and all his thoughts
Of mischief, gratulating, thus excites.
Thoughts, whither have ye led me, with what sweet
Compulsion thus transported to forget
What hither brought us, hate, not love, nor hope
Of Paradise for Hell, hope here to taste,
Of pleasure, but all pleasure to destroy,

Save what is in destroying, other joy
To me is lost (PL, IX, 438-479)²⁰.

Satã reconhece dois aspectos no casal humano, a semelhança divina, capaz de fazer com que o ex-anjo esqueça, por um momento, a sua ideia inicial de destruição, e os mesmos traços que o levaram a cair. O desejo pelo conhecimento, pela sensação de poder, está na base da revolta satânica, apesar desta não se restringir única e exclusivamente a isso. O terceiro solilóquio, conforme mostramos anteriormente, demonstra que a queda humana se dará por meio da obtenção da sapiência proibida. Ao indagar o porquê da interdição do conhecimento ao homem, Satã esquece que foi essa mesma ânsia pelo entendimento proibido que o levava ao seu estado de lamento e de não conciliação entre as suas duas naturezas.

Considerações Finais

O Satã miltoniano não responde a uma simples polarização de antagonistas. Como Shelley (184-, 2008) já havia apontado e Carey (2008) corrobora, a complexidade da personagem diabólica está além desta dicotomia entre bem e mal. Se, no início do *Paradise Lost*, o ex-anjo abusa de discursos em que enfatiza o seu estado de injustiça, vitimado por um desejo incompreensível e tirânico por parte de seu criador, a compreensão de si mesmo altera conforme ele avança no processo de autoconhecimento. A princípio, Satã ocupa, um tanto inconsciente, a posição de subjugado, aquele a quem é exigido um conjunto de ações e comportamentos que lhe permita viver harmoniosamente com outros, dentro de um sistema rigidamente estipulado e imutável. A primeira alteração neste *modus vivendi*, no entanto, faz cair por terra a crença construída em cima de um alicerce frágil. A nomeação de Cristo escancara a arbitrariedade na qual o rebelado vivia e expõe cruamente a sua posição de terceiro. Para romper o elo existente, Satã invoca a sua primazia sobre os outros anjos e inverte a ordem, antes subalterno, ele clama por sua liderança.

A queda, inicialmente, não altera a nova visão de ordem que ele assumiu como correta. O entendimento de sua posição impar dá-se na medida em que ele avança para o seu interior, onde pretende encontrar todas as justificativas para os seus atos e a forma como

se sente em relação ao ocorrido. Ao colocar-se diante dos fatos e analisá-los com sinceridade, Satã encontra a sua própria contradição. Desejoso de satisfazer as suas inclinações, mas consciente do preço exigido pela concretização do objetivo, ele compreende que não é nem anjo nem o elemento maléfico, mas um ser que persegue um meio-termo, capaz de conviver com as suas ambições.

O ponto nodal, entretanto, é o peso que a percepção de um dito erro implica. O problema para Satã não está no fazer o mal a outros, buscando a sua própria satisfação, mas no olhar reprovador que isso gera. A revolta angélica, por fim, parece não passar de um ardil para conseguir a aprovação daquele que machucara a crença inicial.

Neste aspecto, a guerra celeste, e a posterior empresa de corromper o homem, foi um mecanismo para voltar a atender aos antigos desígnios. Desta perspectiva, compreendemos a relação ambígua estabelecida entre Satã, Adão e Eva. Criação divina, o casal é a prova material da incapacidade do anjo em esquecer e sufocar o seu passado, despertando, no antigo arcanjo, todos os sentimentos que nutrira em seu período celeste. Além disso, o príncipe das trevas reconhece a sua própria inclinação no homem. Hierarquicamente semelhantes, com atribuições parecidas e pequenas falhas que precisavam ser trabalhadas, tanto o casal quanto os anjos que caíram deixaram a razão ser dominada por uma aspiração de pertencimento. A realidade do desejo contemplado fugidio aos desígnios divinos coloca-os em constante lembrança da desaprovação que encontraram ao esquecerem as tarefas que lhes eram impostas e esperadas.

O Satã de Milton, portanto, não é o elemento maléfico tradicional, como definira Shelley (2008), mas também não pode ser categorizado como o mal na concepção agostiniana. Antes, ele imbrica ambas as definições, pois assume a postura de único responsável pelo mal que acomete o homem, definindo a sua existência na contrapartida divina, ao mesmo tempo em que aceita a punição proveniente de seus passos fora dos limites impostos pela lei divina, o que causa um desconforto diante da eterna lembrança dos atos e conseqüente tentativa de justificar as ações, em uma procura incansável pela redenção impossível.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros; introdução de Riolando Azzi. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.
- COETZEE, J. M. Confessions and Double Thoughts: Tolstoy, Rosseau, Dotoevsky. *Comparative Literature*, v. 3, n. 3, p. 193-232, Summer 1985. Disponível em: www.jstor.org/stable/1771079. Acesso em: 20 set. 2010.
- CAREY, J. Milton's Satan. In: DANIELSON, D. (Ed.). *The Cambridge Companion to Milton*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University, 2008. p. 160-174.
- MASSON, D. The Three Devils: Luther's, Milton's and Goethe's. In: _____. *The Three Devils: Luther's, Milton's and Goethe's. With Other Essays*. London: Macmillan, 1874. p. 3-58.
- MILTON, J. *Paradise Lost: a Poem in Twelve Books*. Edition, introduction and notes by Merritt Y. Hughes. Indianapolis: Hackett, 2003.
- MILTON, J. *A Common-Place Book of John Milton and a Latin Essay and Latin Verses presumed to be by Milton*. Edited from the original by Alfred J. Horwood. Westminster, MD.: [s.n.], 1876.
- NOGUEIRA, C. R. F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- SHELLEY, P. B. *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. Edição bilíngüe. Tradução e notas de Flávio Cyrino e Marcella Furtado. São Paulo: Landmark, 2008.
- SHELLEY, P. B. *Prometheus Unbound: A Lyrical Drama in Four Acts*. Edition by Jack Lynch. Disponível em: <http://andromeda.rutgers.edu/~jlynch/Texts/prometheus.html> Acesso em: 31 maio 2010.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 06/05/2011

¹ Todas as citações do *Paradise Lost*, aqui apresentadas, são provenientes da edição sob a responsabilidade de Hughes. Todas as versões em português são de minha autoria. “e meu temor da humilhação/ Entre os espíritos baixos, que eu seduzi,/ Com outras promessas e outras vanglórias,/ Então submeti, gabando-me podia vencer/ O Onipotente. Ai de mim! Eles pouco sabem/ Quão caro eu suporto aquela vã ostentação,/ Sobre quais tormentos eu intimamente gemi:/ Enquanto eles me adoram no Trono do Inferno,/ Com Coroa e Cetro distinto progredi,/ Ao mais baixo ainda eu caio, Supremo somente/ Na miséria, tal júbilo a Ambição encontra”.

² Fazemos referência à obra *O Juízo Final*.

³ São grandes as suspeitas e, por vezes, evidências de que algumas obras, como a do francês Du Bartas, de Grotius e Dante, entre outras, tenham influenciado Milton.

⁴ Ainda não tivemos a oportunidade de encontrar uma edição integral do título. O mais próximo que chegamos da obra foram alguns excertos em coletâneas das obras de Milton ou por meio de citações em trabalhos críticos.

⁵ Apesar da dificuldade em encontrar edições de alguns títulos de Milton, chegou a nosso conhecimento essa pequena compilação de algumas notas do *Commonplace Book* organizada por Alfred J. Horwood, em 1876.

⁶ E o poema de Milton contém, em si mesmo, uma refutação filosófica daquele sistema, do qual, por uma antítese estranha e natural, tem sido um grande apoiador popular. Nada pode superar a energia e a magnificência do caráter de Satã, como expresso no 'Paraíso Perdido'. É um erro supor que ele sempre quis fazê-lo uma personificação popular do mal. O ódio implacável, a astúcia paciente e um incansável refinamento do dispositivo para impingir a mais extrema angústia no inimigo, estas coisas são más; e, embora tolerável em um escravo, não devem ser perdoadas em um tirano; embora redimida pelo tanto que enobrece sua derrota, em alguém subjugado, são marcadas por tudo o que desonra sua conquista em uma vitória. O Demônio de Milton, como um ser moral, é bem superior ao seu Deus, como alguém que persiste em algum propósito que se concebeu como excelente, apesar da adversidade e da tortura, em relação ao outro que, na fria segurança de sua vitória assegurada, inflige a mais horrível vingança sobre seu inimigo, não por alguma equivocada noção de levá-lo a se arrepender a continuar a inimizade, mas com o desígnio esclarecido de exasperá-lo como a merecer novos tormentos. Milton violou tanto um credo popular (se isso deve ser julgado como violação) como por ter alegado nenhuma superioridade de virtude moral ao seu Deus sobre seu Demônio. Tradução de Flávio Cyrino e Marcella Furtado.

⁷ O interesse moral da história, poderosamente mantido pelos sofrimentos e pela resistência de Prometeu, seria alienado se não o concebêssemos como se retratasse sua linguagem elevada e se intimidasse diante de seu adversário pérfido. O único ser imaginário que lembra de algum modo Prometeu é Satã; e Prometeu é, em meu julgamento, uma personagem mais moral que Satã, porque somada a sua coragem, a majestade e a oposição firme e paciente à força adversária, é possível descrevê-lo isento das máculas da ambição, da inveja, da vingança e de desejo pelo engrandecimento pessoal que, no herói do **Paraíso Perdido**, interfere em seus interesses. O caráter de Satã engendra uma casuística perniciosa que nos leva a pesar as suas faltas com os seus erros, excluindo o primeiro porque o posterior ultrapassa toda a medida. Na ideia daqueles que consideram essa magnífica ficção com um sentimento religioso, criam algo pior. Mas Prometeu é, como foi, o tipo de uma perfeição moral mais elevada e uma natureza intelectual impelida pelos motivos mais puros e verdadeiros para os melhores e mais nobres fins. Tradução da autora.

⁸ Basta lembrar que Rafael é encarregado de contar a guerra celeste ao casal humano. A Miguel, por sua vez, coube a incumbência de revelar o futuro da progênie de Adão até a vinda de Cristo e conduzir o homem para fora do Jardim.

⁹ Ouvei todos vós, Anjos, Progênie da Luz,/ Tronos, Domínios, Principados, Virtudes, Potestades,/ Ouçam meu decreto, que irrevogável será./ Esse dia, eu gerei quem eu declaro/ Meu único Filho, e, neste sacro Monte,/ Ele foi ungido, quem vós vedes agora./ A minha direita mão, seu Líder, eu vos designo;/ E pelo meu Ser jurei que a ele se curvariam/ Todos os joelhos no Céu, e reconhecer-lhe-iam Senhor:/ Sob seu grande Reino, Vice-regente subsiste,/ Unido como uma Alma individual,/ Para sempre feliz: quem lhe desobedecer,/ Desobedece-me, quebra a união, e, naquele dia,/ Banido de Deus e da visão santa, cai/ Na completa escuridão, no abismo mergulha, seu lugar/ Ordenado em redenção, sem fim.

¹⁰ mas não tão animado,/ Satã, assim, chama-se agora, seu primeiro nome,/ Não é mais ouvido no Céu; ele dos primeiros,/ Se não o primeiro Arcanjo, grande em Poder,/ Em favor e proeminência, ainda que carregado/ De inveja contra o Filho de Deus, aquele dia/ Honrado pelo seu grande Pai, e proclamado/ Messias Rei ungido, não pode ostentar/ Completo orgulho que via, e considerou-se prejudicado./ Profunda malícia disso concebeu e desdém,/ Logo que a meia-noite trouxe na obscura hora/ Mais amigável sono e silêncio, ele resolveu/ Com todas as suas Legiões descampar, e deixar/ Inulto e desobedecido o Trono supremo

¹¹ Tronos, Dominações, Principados, Virtudes, Potestades,/ Se estes magníficos Títulos ainda restam/ Não meramente honorários, desde que, por Decreto,/ Outro tem em si abarcado/ Todo o Poder, e eclipsou-nos

sobre o nome/ De Rei consagrado, por quem toda essa agitação/ Da marcha à meia-noite, e precipitado encontro aqui./ Só para consultar como nós melhor podemos/ Com que podemos inventar de honras novas./ Acolhê-lo que vem receber de nós/ Tributo servil ainda não pago, vil prostração/ Muito para mim, senão duplamente suportada./ Para um e sua imagem agora proclamada?/ Mas o que senão melhores conselhos podem surgir/ De nossas mentes e ensinar-nos a expulsar essa escravidão?/ Quereis vós submeter vossos pescoços e escolher dobrar/ Servil joelho? Vós não quereis, se eu acredito./ Conhecer vosso direito, ou se eu vos conheço./ Nativos e Filhos do Céu, fosses antes/ De ninguém, e se não todos iguais, embora livres./ Iguamente livres; pois Ordens e Hierarquias/ Não rangiam com a liberdade, mas melhor se baseavam./ Quem pode então, em razão ou direito, assumir/ Monarquia sobre tais que vivem pelo direito/ Seus iguais, se em poder e esplendor menor./ Em liberdade igual? Ou pode inserir/ Leis e Editos em nós, que, sem lei./ Não erramos, muito menos para este ser, nosso Senhor./ E buscando por adoração ao abuso/ Destes Títulos Imperiais que asseveram/ Nossa existência ordenada para governar, não servir?

¹² Que fomos formados, dizes tu? e o trabalho/ De secundárias mãos, pelo dever transferido/ Do Pai para seu Filho? Estranho ponto e novo!/ Doutrina que conheceríamos daí ensinada: quem viu./ Quando foi essa criação? tu recordas/ Tua criação, enquanto o Criador deu-te a vida?/ Nós não sabemos em que tempo não fomos como agora./ Conhecemos nada antes de nós, auto-gerados, auto-criados/ Pelo nosso próprio sagaz poder, quando o fatal curso/ Rodeou sua Esfera toda, o nascimento maduro/ Deste nosso Nativo Céu, Etéreos Filhos./ Nossa pujança é própria, nossa própria mão direita/ Nos ensinará nobres feitos, pela prova tentar/ Quem é nosso igual: então tu olharás./ Se por suplica, nós pretendemos/ Discursar, ou sítiar o Onipotente Trono./ Suplicando ou sitiando.

¹³ Oh! Progênie do Céu, Empíreos Tronos./ Com razão, grande silêncio e objeções/ Apossou-se de nós, embora não espantados: longo é o caminho./ E árduo, que fora do Inferno, nos ilude a Luz./ Nossa sólida prisão, esta imensa cova de Fogo./ Excessivo para consumir, mura-nos ao redor/ Nove vezes mais e portões de candente Diamante/ Barra-nos proibindo toda saída./ Isto passado, se algo passa, o vazio profundo/ Da Noite sem essência recebe-o, em seguida./ A vastidão aberta e, com total perda do ser./ Ameaça-o, cravando-o naquele golfo abortado./ Se dali ele escapar seja para qual mundo./ Ou região desconhecida, o que ao menos lhe permitir./ Depois dos perigos desconhecidos e tão difíceis de escapar./ Mas eu tornaria esse Trono impróprio, companheiros./ E esta Imperial Soberania, adornada/ De esplendor, armada de poder, se algo exposto/ E julgado público, sob a forma/ Da dificuldade ou perigo pudesse impedir/ Me de tentar. Por que eu assumi/ Esses poderes, e não neguei Governar./ Não aceitando tão grande parcela/ De perigo como de honra, obrigação igual/ Para aquele que Reina e, para ele, tanto cabe/ Mais perigo, como acima dos outros/ Honrado senta? Vão, então, poderosas potestades./ Terror do Céu, embora caídos; planejem em casa./ Enquanto aqui for nossa casa, o que melhor conforta/ A presente miséria e tornem o Inferno/ Mais tolerável; se há cura ou feitiço/ Para aliviar, iludir ou diminuir o tormento/ Desta Mansão imprópria: não interrompam a vigia/ Ao atento Inimigo, enquanto eu fora./ Por todas as costas da negra destruição busco/ A libertação de todos nós: esta empresa/ Ninguém dividirá comigo.

¹⁴ Amada Filha, deste que me clamaste como teu Senhor./ E meu belo Filho aqui me mostrou o estimado penhor./ O flerte, que tivemos no Céu, exultava/ Então doce, agora triste de mencionar, embora horrível mudança/ Sobrevir-nos inesperada, impensada, sabido/ Eu chego não como inimigo, mas para partir livre/ Desta negra e lúgubre casa de dor./ Ambos tu e ele, e toda a Celeste Hoste/ De Espíritos que, em nossa justa ambição, armados./ Caíram conosco de tal altura: por eles, vou/ A este desconhecido e errante solo, e um por todos/ Expor-me, com solitário passos pisar/ O abismo não descoberto e, pelo imenso vazio./ Buscar em errante pesquisa um lugar profetizado/ Que seria, e, por sinais confluentes, outrora/ Criado, vasto e redondo, um lugar de beatitude/ Nos arredores do Céu, e lá posta/ Uma raça de arrogantes Criaturas, para substituir/ Talvez nosso lugar vazio, embora mais distante/ No mínimo o Céu sobrecarregado de poderosa multidão/ Teve de mover novos tumultos: Foi isto ou qualquer coisa/ Além disso mais secreta agora traçada, tenho pressa/ Em saber e, uma vez descoberto, logo retornarei./ E vos levo para o lugar onde Tu e Morte/ Viverão em paz, para cima e para baixo não visto/ Asa silenciosamente o cheio Ar, perfumado/ De odores, lá vós estarão alimentados e saciados/ Imensuravelmente, todas as coisas serão suas vítimas.

¹⁵ Oh tu, com transcendente Glória coroado./ Olha de teu sólido Domínio como o Deus/ Deste novo Mundo; cuja visão todas as Estrelas/ Escondem suas diminutas cabeças; tu, eu chamo./ Mas não com voz amiga, e grito teu nome/ O Sol, para te dizer como eu odeio teus raios/ Que trazem a minha lembrança de que estado/ Eu caí, quão glorioso acima de tua Esfera./ Até que o orgulho e a pior Ambição arremessaram-me abaixo./ Lutando no Céu contra o Rei incomparável do Céu./ Ah! Por isso, ele não

mereceu retribuição/ De mim, quem ele criou como eu era/ Naquela radiante superioridade e, com seu bem,/ Repreendeu ninguém; nem era seu serviço difícil./ O que poderia ser menos que lhe proporcionar louvor./ A mais fácil recompensa, e prestar-lhe graças./ Como pude! Ainda seu bem evidenciou todo o mal em mim./ E produziu senão maldade; elevou-me tão alto/ Que eu desprezei submissão e, por um passo mais soberbo./ Podia designar-me o mais nobre, e num momento quitar/ A imensa dívida de gratidão infinda./ Tão onerosa, sempre pagando, sempre em dívida;/ Desmemoriado do que dele ainda recebi,/ E não entendi que uma opinião grata/ Não é devida pelo dever, senão ainda paga, simultânea,/ Obrigada e saldada; qual o dever então?/ Oh! Tivesse seu poderoso Destino determinado/ Me anjo inferior, eu teria permanecido/ Feliz naquele tempo; a livre esperança não teria erguido/ A ambição. Por que não? Alguma outra Potestade/ Tão grande podia ter aspirado, e de algum modo me/ Arrastaria para o seu lado; mas outras Potestades tão grandes/ Não caíram, permaneceram inabaláveis, por dentro/ Ou por fora, de todas as tentações armados./ Tinhas tu o mesmo livre arbítrio e o poder para permanecer?/ Tu tinhas, então quem ou o que tens tu para acusar./ Mas o livre amor do Céu ocupou-se igualmente de todos?/ Seja seu Amor amaldiçoado, desde que amor e ódio./ Para mim, iguais, comerciam eterna angústia./ Não sejas tu amaldiçoado; desde que, contra ele, teu desejo/ Escolheu livremente o que agora merecidamente lastimo./ Eu, miserável! Que caminho poderei seguir./ Infinita ira, infinito desespero?/ O caminho que segui é o Inferno; meu ser, um Inferno;/ E do mais baixo abismo, o vil abismo/ Ainda ameaçando me devorar na vastidão aberta,/ A quem o Inferno, que eu sofro, parece um Céu./ Finalmente, a compaixão; não há lugar/ Deixado para Arrependimento, nem para o Perdão?/ Nenhum deixado senão pela submissão, e aquela palavra./ Desprezo me profbe, e meu temor da humilhação/ Entre os espíritos baixos, que eu seduzi/ Com outras promessas e outras vanglórias/ Então submeti, gabando-me podia vencer/ O Onipotente. Ai de mim! Eles pouco sabem/ Quão caro eu suporto aquela vã ostentação./ Sobre quais tormentos eu intimamente gemi:/ Enquanto eles me adoram no Trono do Inferno,/ Com Coroa e Cetro distinto progredi./ Ao mais baixo ainda eu caio, Supremo somente/ Na miséria, tal júbilo a Ambição encontra./ Mas diga, eu podia me arrepender e obter./ Por Ato de Clemência, meu estado primeiro; tão logo/ Revogaria altos pensamentos; tão logo retrataria/ O que a dissimulada submissão jurou; fácil abjuraria/ Votos feitos no pânico, tão violentos e nulos./ Pois nunca pode a verdadeira reconciliação nascer/ Onde ventos de mortal ódio trespassaram tão fundo:/ O que poderia senão guiar-me a pior recaída./ E mais pesado cair, então, devo eu granjear cara/ E restrita intervenção comprada com dupla dor./ Isto sabe, meu carrasco: por isso tão longe/ Pela sua concessão, quanto pela minha esmolada paz./ Toda esperança assim excluída, veja o lugar/ De nossa expulsa casta, exilada, seu novo deleite/ Homem criado, e, para ele, este Mundo./ Então, adeus Esperança, e com a esperança adeus Medo./ Adeus Remorso: todo o Bem, para mim, é perdido;/ Teu mal será meu Bem, por ti, ao menos./ O Império dividido com o Rei do Céu, eu ocupo./ Por ti, e mais da metade talvez governarei;/ Como o Homem em breve, e este novo Mundo saberão.

¹⁶ A confissão é um elemento na sequência de transgressão, confissão, penitência e absolvição. Absolvição significa o fim de um episódio, o fechamento de um capítulo, a libertação de uma opressão da memória. A absolvição, neste sentido, é, portanto, o objetivo indispensável de toda confissão, sacramental ou secular. Em contraste, a transgressão não é um componente fundamental.

¹⁷ Oh, Terra, quão semelhante ao Céu, se não superior/ Mais merecida, mais digno Assento dos Deuses, construído/ Com segundos pensamentos, reformando o que era velho!/ Pois o que Deus depois do melhor construiria de pior?/ Céu Terrestre, circundado por outros Céus/ Que brilham, ainda que conduzam suas serviçais brilhantes Luzes,/ Luz acima de Luz, somente para ti, como parece,/ Em ti, concentram todos os seus preciosos raios/ De sacra influência: Como Deus no Céu/ É Centro, ainda que estende a todos, assim tu,/ Centrado, recibes de todas aquelas órbitas; em ti,/ Em nelas mesmas, toda sua virtude conhecida aparece/ Produtiva nas ervas, plantas, e na mais nobre origem/ Das Criaturas animadas com vida gradual/ De Crescimento, Sentido, Razão, tudo resumido no Homem./ Com que prazer eu podia ter te percorrido,/ Se eu pudesse me alegrar com algo, doce permuta/ De Monte e Vale, Rios, Bosques, e Planícies./ Agora Terra, agora Mar, e Praias com Florestas coroadas./ Rochas, Tocas e Cavernas; mas eu, em nenhum destes,/ Encontro lugar ou refúgio; e mais eu vejo/ Prazeres em volta de mim, muito mais, eu sinto/ Tormento em mim, como que do sítio odioso./ De contrários; todo bem para mim se torna/ Veneno, e, no Céu, muito pior podia ser meu estado./ Mas nem aqui, eu busco, nem no Céu/ Morada, ao menos que controlando o Supremo do Céu;/ Nem esperança de ser eu menos miserável/ Pelo o que eu procuro, mas outros para fazer tal/ Como eu, embora que, por meio disso, para mim, resulte o pior:/ Pois somente destruindo encontro consolo/ Aos meus impiedosos pensamentos; e destruindo-o./ Ou obter o que pode forjar sua total perda./ Pois a quem tudo isto foi feito, logo tudo isso/ Seguirá, como a ele ligado na felicidade ou na dor/ Então na dor; que a vasta destruição possa se estender:/ A mim, será a glória, único entre/ As infernais Potestades, em, um dia, arruinar/ O que ele, Onipotente, produziu, seis Noites e Dias/

De contínuo trabalho e, quem sabe, quanto tempo/ Antes tinha planejado, embora talvez/ Não tanto quanto eu, em uma Noite livre/ Da servidão inglória quase metade/ Do Angélico Nome, e mais escassa deixar a multidão/ De seus adoradores; ele será vingado./ E, para reparar seus números, desse modo, diminuídos./ Se tal virtude gasta do antigo agora falta/ Mais Anjos Cria, se eles, ao menos./ São suas Criações ou para mais nos ofender./ Ordenou avançar, em nosso quarto./ Uma Criatura de Terra, e ela dotou./ Exaltado de tão original base./ Com os espólios Celestes, nossos espólios; o que ele decretou./ Ele realizou; Homem ele fez, e para ele construiu/ Este Mundo Magnífico, e Terra seu assento./ O pronunciou Senhor, e, Oh, injúria!/ E sujeitou ao seu serviço as Angélicas,/ E brilhantes Ministros para vigiar e cuidar/ Seu Ofício terreno: destes, a vigilância/ Eu temo, e para esquivar, assim envolto no meio/ Do vapor da meia-noite, plano ignorado, ergo-me./ Em cada Arbusto e Fenda, onde, com sorte, posso encontrar/ A Serpe dormindo, em cujas confusas dobras/ Me escondem, e o negro plano, eu trago./ Oh, vil queda! Eu que antigamente competia/ Com Deuses para sentar no mais nobre, eu agora forçado./ Dentro de uma Besta, e misturado com o limo bestial./ Esta essência encarnar e embrutecer./ Que à altura de deidade aspirei;/ Mas a que a Ambição e Vingança não/ Desceriam? Quem almeja deve descer tão baixo/ Quanto alto ele sobe, odioso primeiro ou último/ As mais básicas coisas. Vingança, primeiro, imaginada doce./ Amarga, antes que de volta, em ti recaí;/ Deixa, não me importo, assim a luz muito ansiada./ Desde que do mais alto eu caí abruptamente, nele que próximo/ Provoca minha inveja, este novo favorito./ Do Céu, este Homem de Barro, filho do menosprezo./ Que, em nós, mais o ódio de seu Criador ergue/ Do pó: ódio então com ódio é melhor reparado.

¹⁸ Oh, Inferno! O que meus olhos com mágoa viram./ Em nosso lugar de alegria, estas nobres e desenvolvidas/ Criaturas de outro molde, nascidos da terra talvez./ Não Espíritos, ainda para Espíritos celestes brilham/ Um pouco inferior; quem meus pensamentos perseguem./ Com admiração, e poderiam amar, tão vivo brilha./ Neles, a Divina semelhança, e tal graça/ A mão que os formou a sua forma reproduziu./ O nobre par, vós pouco pensais quão próxima/ Vossa mudança se avizinha, quando todos esses deleites/ Irão perecer e vos entregarão à angústia./ Mais angústia, mais seu gosto agora é de alegria;/ Feliz, mas tal felicidade, o mal obtido/ Por muito tempo permanecerá, e este vosso alto acento no Céu./ O mal cercará, pois o Céu expulsa tal inimigo/ Como agora entrou. Por ora o inimigo não proposto/ A vós por quem eu poderia me apiedar de tal abandono./ Embora não me apiede: aliança com vós, eu busco/ E mútua amizade tão estreita, tão próxima./ Que eu, com vós, devo habitar, ou vós comigo/ Doravante; minha morada pode, por acaso, não agradar/ Como este belo Paraíso, vosso sentido, ainda que/ Aceitem o trabalho de vosso Criador; ele deu-me isto./ Que eu tão voluntariamente dou; o Inferno se mostrará./ Para entreter-vos, seus Portões mais vastos./ E envia para lá todos os seus Reis; lá haverá quartos./ Não como estes estreitos limites, para receber/ Vossa numerosa descendência; se não é o melhor lugar./ Agradeça-o que me pôs contrário a essa vingança/ Em vós que não erraram comigo, pois foi ele quem errou./ E devo eu a vossa inofensiva inocência/ Dissolver, como eu faço, ainda pública e justa razão./ Honra e Império com vingança engrandecer./ Pela conquista deste novo Mundo, compeli-me agora/ A fazer o que, embora condenado, eu deva odiar.

¹⁹ Visão odiosa, visão torturante! Deste modo, os dois/ Afortunados, um nos braços d'outro./ O mais feliz Éden, desfrutem vossa porção/ De alegria na alegria, enquanto eu sou impelido ao Inferno./ Onde nem a felicidade nem o amor, mas fero desejo./ Entre nossos outros tormentos, não o menor./ Ainda insatisfeito com a dor da duradoura pena/ Mas não me deixe esquecer o que eu ganhei/ Da vossa boca; parece que nem tudo é vós:/ Uma Árvore fatal lá está, do Conhecimento chamada./ Proibidos de provar: Conhecimento proibido?/ Suspeito, ilógico. Por que deveria seu Senhor/ Invejar-vos isso? Pode ser pecado saber./ Pode ser mortal? E vós só permanecéis/ Pela ignorância, é este vosso estado feliz./ A prova de vossa obediência e de vossa fé?/ Bela fundação assentou sobre qual construir/ Vossa ruína! Por isso, eu instigarei vossas mentes/ Com mais desejo de saber, e rejeitar/ Ordens invejosas, forjadas com o intuito/ Para manter-vos humildes, quem o conhecimento pode exaltar/ Igual aos Deuses; aspirando a serem tais/ Eles saboreiam e morrem: o que pode garantir?/ Mas primeiro, em minuciosa busca, devo caminhar em torno/ Deste Jardim, e não deixar um canto sem espionar./ Uma chance senão oportuna pode guiar-me onde encontrarei/ Algum Espírito do Céu vagueando, pelo lado da Fonte./ Ou numa densa sombra retirado, dele arrancar/ O que mais possa ser aprendido. Vivei enquanto podeis./ Ainda feliz par; aproveitai até eu retornar./ Curtos prazeres por longas dores serão sucedidos.

²⁰ a mão de Eva:/ Ponto mais delicioso que aqueles Jardins inventados/ Ou do revivido Adonis, ou do renomado/ Alcinuo, anfitrião do filho do velho Laertes./ Ou aquele, não místico, onde o Sapiente Rei/ Galanteou com sua bela Esposa Egípcia./ Muito, ele admirou o lugar, a pessoa, mais./ Como alguém muito tempo confinado numa populosa Cidade./ Onde as Casas abundam e os esgotos ferem o Ar./ De lá escapando numa Manhã de Verão para respirar/ Entre as aprazíveis Vilas e Fazendas/ Vizinhas, cada coisa concebe prazer./ O aroma dos Grãos, capim secando, ou vacas./ Ou laticínios, cada visão rural, cada

som rural;/ Se, por sorte, com passos de Ninfa, a Virgem passa,/ Que agradável parece, pois os seus mais agradam,/ Ela muitíssimo e em seu olhar resume todo o encanto./ Tal gosto pegou a Serpente observando/ Esta florida planta, o perfumado nicho de Eva/ Assim cedo, sozinha, sua forma divinamente/ Angélica, mas mais agradável, e Feminina,/ Sua graciosa Inocência, seu porte./ Gesto ou menor ação intimida/ A malícia dele e, com agradável pilhagem, privou/ Sua fúria do violento intento que trazia:/ Naquele intervalo, o Mal ficou distraído/ De seu próprio mal e, por um tempo, permaneceu/ Estupidamente bom, do inimigo desarmado,/ De culpa, de ódio, de inveja, de vingança:/ Mas o quente Inferno, que sempre nele fervilha,/ Mesmo no meio do Céu, logo findou seu deleite./ E torturou-o ainda mais, mais ele via/ O prazer a ele não permitido: logo,/ Ele refeito ódio reuniu, e todos seus pensamentos/ De injúria, de felicitação, assim instou./ Pensamentos, para onde me guiastes, com que agradável/ Compulsão desse modo transportado a esquecer/ O que nos trouxe para cá, ódio, não amor, nem esperança/ Do Paraíso pelo Inferno, esperança de, aqui, provar/ Do prazer, mas todo prazer destruir,/ Salvo o que está em destruição, outra alegria,/ Para mim, é perdida.